

A área temática escolhida para este número da revista Nação e Defesa “Europa e o Mediterrâneo” pretende chamar a atenção para uma ligação que, parecendo óbvia, terá de ser reforçada.

Os Mares podem ser espaços de ligação ou barreiras de separação e pode-se constatar que o Mediterrâneo já passou por ambas as situações ao longo da História.

No tempo do Império Romano o Mediterrâneo chegou a ser um mar fechado, o “*mare nostrum*”, centro de um Império, marca de uma civilização e entroncamento de corredores de trocas comerciais.

Com a criação de novos impérios e com a consolidação das religiões monoteístas ocidentais nas suas margens, o Mediterrâneo, sendo um espaço geopolítico de grande riqueza, tem tendido mais a separar do que a unir. Nem a força da evolução científica e tecnológica que permite o reforço das relações e ligações tem sido capaz de evitar estas divisões. Só no campo das trocas comerciais tal ligação se tem tornado cada vez mais efectiva, mas ainda assim com um desequilíbrio patente.

As diferenças entre o Norte e o Sul, entre o Leste e o Oeste, a influência que as grandes religiões têm nesta grande área com a particularidade para as divisões internas dentro do Cristianismo e do Islamismo, a vontade que os grandes poderes mundiais têm de controlar este espaço geopolítico, têm separado o que precisaria de tender para uma leitura e um aproveitamento de interesses comuns. A questão de Israel, em todas as suas vertentes, continua também sem solução e em agravamento constante.

Apesar das marcas religiosas e culturais empurrarem para a separação, o poder da tecnologia e a concentração da economia seguem em sentido inverso num mundo em que a globalização é uma realidade em marcha, tornando-se imperativo estudar o Mediterrâneo como um todo e tomar medidas que aproximem as suas diferentes parcelas e garantir melhores condições de vida dos que vivem ao seu redor.

É ainda nas margens do Mediterrâneo que acontecem alguns dos maiores movimentos migratórios do Leste para o Oeste, do Sul para o Norte, é também aqui que têm tido lugar, desde 1990, alguns dos conflitos mais sangrentos, dolorosos e difíceis de resolver com que

a humanidade se tem confrontado. Foram os Balcãs em várias das suas regiões, nunca deixou de ser a Palestina e Israel, foi a Líbia, foi a Síria, o Líbano, o Iraque, têm sido algumas guerras civis como a da Argélia, que ainda não está terminada.

E por muito que tal nos custe reconhecer as Religiões têm sido ao longo da História mais elementos fautores de Guerra do que instrumentos de Paz. Quantos e quantos milhões de pessoas têm perecido neste espaço geopolítico em nome de Deus e das Religiões. Os esforços feitos em sentido contrário apresentam resultados pouco encorajadores.

E tudo isto tão perto da Europa civilizada, feliz, auto-suficiente, que tem finalmente vindo a perceber que estes acontecimentos no Sul ou a Leste irão ter consequências na sua economia, na sua estabilidade social, na sua segurança.

Assim, quer a nível bilateral, quer no âmbito das grandes associações de que fazemos parte como a União Europeia, a NATO e o Conselho da Europa, a aproximação tem vindo a ser feita com objectivos de integração e de, pela via do desenvolvimento económico e do diálogo, se dar um contributo para a paz e tranquilidade.

As percepções e os interesses sobre esta área são muito diferentes e ao lado de culturas antiquíssimas e das religiões, a importância do petróleo pesa muito neste jogo. Os EUA, a Rússia, a Europa Ocidental, a Europa Oriental, os Países Islâmicos e Israel, olham de modo diferente para o Mediterrâneo.

Quer se queira, quer não, o futuro das margens sul e leste do Mediterrâneo, terá consequências directas no futuro da Europa, nomeadamente na sua segurança. Não haverá Europa tranquila sem um Mediterrâneo estável.

Tudo quanto se fizer para melhor conhecer estas realidades e contribuir para a sua resolução será útil.

O IDN realizou, em Março de 2001, um Seminário sobre esta temática do qual se apresentam textos de grande interesse de alguns especialistas.

Para além deste dossier outros temas foram integrados pela sua importância e actualidade, como a “Análise Geoestratégica de Portugal”, “O Funcionamento do Estado em Época de Globalização” e “A União Económica e Monetária e a Projecção da Europa no Mundo”, com especial referência à posição portuguesa.

De um modo directo ou indirecto a Europa como actor, como centro de interesse ou objectivo é sempre tratada.

Este número 101 da Revista Nação e Defesa é apenas um pequeno contributo para esta finalidade de melhor saber olhar a Europa e este espaço vizinho tão diversificado e de mútua influência que é o Mediterrâneo.